



10º Simposio de Ensino de Graduação

O SILENCIO EM MEIO A VIOLENCIA

Autor(es)

VANESSA GALONI

Orientador(es)

ALESSANDRA DILAIR FORMAGIO MARTINS

1. Introdução

O interesse pelo tema surgiu em meu ambiente de trabalho, sou professora de educação infantil e atuo em uma escola municipal em um bairro periférico do interior paulista.

A partir de algumas observações, percebi que determinados alunos convivem diariamente com a violência e o tráfico de drogas. Uns porque já perderam o pai por assassinato, outros por que os “pais” são traficantes, ou por simplesmente morar nesse bairro e conviver com as invasões da polícia a procura de marginais/ traficantes/ infratores.

Algumas crianças relatam o que acontece em seu dia a dia, quando a polícia entra no bairro, quando o pai vende droga, quando o tio vive na “nóia”/usuário, quando o pai bate na mãe, quando a mãe bate neles (crianças). Mas o que me preocupa, são as crianças que não contam o que vêem ou o que sentem, questiono o que acontece com elas, como lidam com esses eventos e quais conseqüências trazem para a vida escolar dessas crianças.

Para abordamos o assunto da violência, do silêncio e outras temáticas, como infância difícil, vulnerabilidade social, Estatuto da Criança e do Adolescente, pesquisei sites e livros e usei como referência os seguintes autores: tais como: Orlandi (2010), Vygotski (1997), Santos (2002).

Iniciamos o artigo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, pois este garante o direito da criança em ser protegida, pela família e pela sociedade em geral, mas sabemos que muitas vezes não é isso que acontece. Em seguida procuramos descrever sobre a vulnerabilidade social, que afeta o desencanto e as incertezas em relação ao futuro de crianças e jovens.

Citamos também situações de violência que os alunos levam para a sala de aula, durante a escrita de redações, brincadeiras, diálogos, entre outros. Passamos também para a teoria de Vygotski quanto as criança difíceis.

Finalmente concluímos este estudo com os textos de Orlandi, em que tentamos esclarecer o sentido/ significado do silêncio, interligando esse significado com as situações em que nossas crianças ficam silenciadas diante da violência que sofrem.

2. Objetivos

O presente estudo tem como tema o Silêncio em Meio a Violência, e tem por objetivo discutir a problemática das crianças que vivem em situação de violência, o significado do silêncio e vulnerabilidade social.

3. Desenvolvimento

Sabemos que existe uma legislação que dispõe da proteção integral da criança e do adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas o que é observado na prática é que apesar desse direito estar presente em forma de lei, na realidade da sala de aula são presenciadas situações que não condizem com as propostas descritas para o cuidado e atenção às crianças e adolescentes, esses

convivem constantemente com situações de violência ou relacionadas a ela, quando não estão envolvidas nas mesmas.

Em seu livro, *Sinais dos Tempos* (2002), Santos relata alguns casos de violência, em que as crianças de uma determinada escola presenciam no cotidiano. Durante as aulas as crianças inserem o contexto que vivem em suas brincadeiras ou em suas tarefas escolares.

A autora cita um episódio em que no pátio da escola um grupo de alunos brigam/brincam com os amigos imitando, utilizando o dialeto que os adultos da comunidade em que vivem falam, mas fazem isso dizendo de forma agressiva. (pág. 87) Enquanto lia este relato do livro não pude deixar de comparar com a minha vivência em sala de aula, durante as brincadeiras de faz de conta.

Santos (2002) relata um episódio em que uma aluna escreve na lousa, a pedido da professora, uma história sobre um gato, cuja família era muito grande, não cabia na toca, por que os parentes do gato vieram morar com eles, o gato sempre ficava nervoso, gritava e arranhava a gata, e a gata judiava da filha do gato, o gato bebia e a filha do gato apanhava, a filha do gato gritava, mas ninguém escutava... Enfim, nesse texto Kelly, a aluna, se referia à sua família, pois durante uma conversa informal entre a pesquisadora e a criança, Kelly relatou que um outro dia foi comprar uma chupeta para o primo que está morando com a tia em sua casa.

Com isso a autora observa em Kelly um movimento em direção à realização consciente do seu propósito, em que ela denuncia o que está acontecendo em seu meio familiar, ao mesmo tempo em que faz um pedido de socorro.

A autora explica que como a professora não entende seu pedido de socorro, Kelly produz um texto, comparamos então essa situação, de pedido de ajuda através da escrita, com muitas outras que nossos alunos dão sinais de que as coisas não estão bem em seu ambiente familiar e trazem para a escola suas angústias, e eles as “revelam” durante brincadeiras, produção de texto, ou no mau comportamento.

Santos (2002) ressalta que não há como acabar com o problema da violência, de uma vez por todas, pois ele permanece em aberto sem fornecer a mínima alusão a uma solução definitiva. Segundo a autora, basta estarmos atentos ao que nos constam as histórias humanas para percebermos que a violência não é um fenômeno novo, afinal há relatos de violência nas sociedades primitivas até as sociedades mais modernas. É algo que atinge todas as classes sociais.

Sendo assim, Santos refere que pensar que a violência ocupa hoje nossa vida e nossas discussões por ser um fenômeno típico da nossa época, é uma idéia equivocada, pois a violência está inscrita na cena da história, representando um estágio em que a vida social está em perigo, dando lugar a um clima de medo, de terror e de pânico.

Segundo a autora:

Se encontrarmos na idéia de violência a imprevisibilidade, o caos, a conflagração e, mais do que a transgressão da ordem, um desregramento absoluto, não é à toa que as relações com qualidade de violência – que se instauram entre os homens e que desembocam na vida – vão deixando rastros de uma situação dramática, da qual devemos esperar tudo, já que não temos mais certeza de nada nos comportamentos cotidianos. (SANTOS, 2002, p. 46).

Santos (2002) explica que a violência, não está ligada somente a uma gama de ações físicas, mas está associada também a uma passagem incessante de ameaça, medo e terror.

Neste livro, a autora traz vários episódios de violências relatados através da escrita de textos, desenhos, brincadeiras e conversas informais, pelas próprias crianças, alunos de uma segunda série do ensino fundamental de uma escola que ficava situada entre duas favelas. Diante desses fatos compreendemos o quanto essas crianças estão vulneráveis a violência, essas crianças assim como muitas outras existentes que desconhecemos, sofrem caladas, e como nós educadores devemos olhar para elas, entender o meio em que vivem e tentar ajudá-las, ou seja, procurar “ouvir os gritos do silêncio” dessas crianças.

Em seu texto, Vigotski (1997) faz comparações entre crianças deficientes e crianças de “caráter difícil” e relata apenas essas duas situações, mas podemos também inserir nesse contexto as crianças que vivem vulneráveis a violência, pois essas muitas vezes apresentam dificuldades de aprendizagem, e são “crianças difíceis”, já que trazem para o contexto escolar a sua dificuldade, sua revolta. Partindo do pressuposto teórico base de sua teoria de que as funções psíquicas superiores se desenvolvem a partir da relação com o outro, é possível questionar como essas crianças estão se desenvolvendo em meio a um contexto social no qual convivem com a violência constantemente e quais implicações essa realidade acarretará no aprendizado desses sujeitos. Para Vigotski (1997, p. 159): Orientar o desenvolvimento para um fim é amplamente difícil e complexo. Faz falta uma ação que abranja o mais profundo. Os recursos mais ou menos exteriores somente resultam muito eficazes quando se tratam de uma criança que não oferece grande resistência. Porém todos esses meios, que parecem excelentes, são inúteis quando um encontra uma resistência tremenda por parte da criança. Não impedindo, essa resistência representa realmente uma enorme força, posto que a criança não é um teimoso porque quer ser, mas porque certas causas que determinaram o desenvolvimento de seu caráter desde o princípio tem formado essa teimosia. Reeducar uma criança assim é uma tarefa muito prolongada e complexa para qual enfoque praticamente somente começamos a encontrar os métodos mais gerais.

Sendo assim, compreendemos que não é fácil a tarefa de reeducar as crianças que trazem na “bagagem” de suas vidas contextos diferentes, e que muitas vezes nos revoltam. É necessário, portanto olhar para essas crianças, e ajudá-las.

A autora Orlandi em seu livro *As Formas do Silêncio* (2007) tem a proposta de compreender a censura enquanto fato de linguagem que se inscreve em uma política da palavra que separa a esfera pública e a esfera privada, que produzem efeitos de sentido no sujeito, os sentidos permitidos e os sentidos proibidos.

Tomando em considerações esses aspectos da censura, a autora analisa a censura e a recusa de se submeter a ela, procurando definir o modo como as diferentes formas do silêncio trabalham os processos de produção de sentidos.

Orlandi (2007) descreve que durante a ditadura militar (1964) os militares utilizavam uma linguagem entre eles, a língua de espuma, e essa linguagem trabalha o poder de silenciar. No movimento social de sentidos, a autora observa que o discurso da Música Popular

Brasileira (MPB) é uma manifestação particular de resistência, principalmente o samba-duplex de Chico Buarque de Hollanda. Este samba é uma resposta a língua de espuma dos militares.

A autora explica que já é bem conhecido o fato de que o poder se exerce acompanhado de um determinado silêncio, o silêncio da opressão. E seu interesse incide sobre o silêncio do oprimido.

Segundo Orlandi (2007) o silêncio não é transparente. O silêncio não fala, ele significa. O silêncio não é ausência de palavras, impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. O silêncio não é o não dito que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído.

Orlandi ressalta um aspecto fundamental da censura, quando o sujeito se submete a censura, este sujeito não pode dizer o que sabe ou o que se supõe que ele saiba, sendo assim, o silêncio da censura não significa ausência de informação, mas interdição. Nesse caso não há coincidência entre não dizer e não saber.

A autora relata que o silenciado tem uma materialidade histórica presente nos mecanismos de funcionamento dos discursos e em seus processos de significação. Pode-se então concluir que:

Na reprodução já há não-reprodução, na censura já há resistência, na interdição de sentidos já estão os sentidos outros, naquilo que não foi dito está o trabalho do sentido que virá a ser. Em suas várias formas e modos que só a história pode assentar.

Assim, não há censura completamente eficaz: os sentidos escapam e pegam a gente a seu modo. (ORLANDI, 2007, p. 131).

Segundo a autora a maneira como concebemos o silêncio na produção da significação nos leva a perceber conseqüências para o estudo da linguagem que apontam para diferentes direções. Orlandi (2007) conclui enfim que se toda relação com a linguagem supõe uma relação com o silêncio, este funciona de maneira específica em cada uma de suas manifestações.

Orlandi explica que o silêncio é a condição de possibilidade de o dizer vir a ser outro, pois no silêncio, o sentido ecoa no sujeito. Antes de ser palavra o sentido já foi silêncio, ou seja, todo sentido posto em palavra já se dispôs antes em silêncio.

Depois de compreendermos que o silêncio é uma forma de “falar”, compreendemos que quando vemos alguém calado, significa que este está comunicando de outra forma a sua opinião, o seu sentimento. Sendo assim relembramos o assunto principal deste artigo que são as crianças que sofrem caladas em meio a violência. Após a reflexão dos texto de Orlandi, entendemos que o silêncio dessas crianças muitas vezes parecer ser uma forma de solicitar ajuda. Pois possivelmente a repressão que sofrem em casa é algo parecido com a ditadura, elas vêem o que acontece, mas são proibidas de expressarem seus sentimentos verbalmente, então se calam, sofrem em silêncio esperando que alguém as “ouça”.

Parece que há uma interdição da palavra, o sujeito tem clareza de tudo que ocorre ao seu redor, principalmente da violência, mas é silenciado, mesmo que de forma implícita, pois existem conseqüências a quem traz esse sentido à realidade, muitas vezes risco à própria vida ou a de seus familiares.

4. Resultado e Discussão

O estudo possibilitou ampliar o conhecimento sobre a temática abordada nesse trabalho, sobre os reflexos da violência no cotidiano das crianças que estudam na escola onde eu trabalho e convivo diariamente com elas, e como essas sofrem com isso, e infelizmente muitas sofrem caladas, em silêncio. Muitos profissionais passam pela vida dessa criança, ou jovem e não conseguem interpretar o pedido de socorro.

5. Considerações Finais

A partir das leituras realizadas podemos concluir que nossas crianças estão vivendo cada dia mais vulneráveis a violência, principalmente a violência doméstica, que acontecem em seu próprio ambiente familiar.

Através dos relatos de Santos (2002) observamos que as crianças pesquisadas tentam pedir ajuda para a professora, através de produção de textos, brincadeiras, atitudes, relatos diversos. Ou seja, como a autora disse, esses alunos querem que essa professora, ouça os gritos do silêncio que eles estão dando. Do mesmo modo, observamos as diversas situações relatadas, no nosso próprio dia-a-dia, em que as crianças dão indícios do que ocorre com eles em sua casa, com a sua família.

Observamos também, a partir dos dizeres de Orlandi (2007), que quando estamos em silêncio, não significa que não temos nada a dizer, e sim que o nosso silêncio é uma maneira de “falar” algo. Então, quando observamos crianças sofrendo caladas, como o caso da aluna relatada na introdução deste estudo, não é que ela não está compreendendo a situação que está vivendo ou não quer falar sobre o assunto, seu silêncio é uma forma de demonstrar que tem algo que está a incomodando, muitas vezes de falar “me ajuda”.

Enfim, este estudo possibilitou ampliar o conhecimento sobre esse assunto, sobre os reflexos da violência no cotidiano dessas crianças e como essas sofrem com isso, e infelizmente sofrem caladas, em silêncio. E muitos profissionais passam pela vida dessa criança, desse jovem e não conseguem interpretar esse pedido de socorro.

Referências Bibliográficas

ORLANDI, E. P. As Formas do Silêncio – No movimento dos sentidos. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.
SANTOS, S. D. M. Sinais dos Tempos- Marcas da violência na escola. Campinas – SP: Editora Autores Associados, 2002.
VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas: Fundamentos de defectologia, Tomo V. Madrid: Visor, 1997.
_____. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Vade Mecum. 12º Edição. São Paulo: Saraiva. 2011.